

Punk e Anarquismo

Jim Donaghey¹

Resumo: Como iconoclasta punk, eu deveria estar celebrando o punk influenciado pelo anarquismo que está acontecendo agora, em todo o mundo. No entanto, a força da nostalgia punk parece irresistível, e acabei escrevendo sobre os *Sex Pistols*, novamente. No entanto, a partir dessa exploração relutante dos *Sex Pistols* como ícones, altamente imperfeitos, da ‘anarquia’ punk, o presente artigo compensa essa ênfase nostálgica ao destacando as características distintas do ‘anarquismo punk’ contemporâneo. Isso inclui: análise da reconfiguração da classe; tensionamentos com o cânone anarquista; produção/consumo faça-você-mesmo; e ativismo cultural. O artigo conclui refletindo sobre a tensão entre a contracultura punk marginal e o “comercialismo” do *mainstream*.

Palavras Chave: Punk; Anarquismo; Sex Pistols; Faça Você Mesmo.

Abstract: As a punk iconoclast, I should be celebrating the anarchist-informed punk happening right now, all around the world. But the gravity of punk nostalgia seems irresistible – and I’ve ended up writing about the Sex Pistols, again. However, from this begrudging exploration of the Sex Pistols as (highly imperfect) icons of punk ‘anarchy’, the chapter makes amends by upending that nostalgic focus, highlighting the distinctive features of contemporary ‘punk anarchism’. This includes: déclassé analysis; iconoclastic relation to the anarchist canon; DIY production/consumptions; and cultural activism. The chapter concludes by reflecting on the tension between marginal punk counter-culture and mainstream ‘sell outs’.

Keywords: punk; anarchism; Sex Pistols; Do It Yourself.

Resumen: Como iconoclasta punk, debería estar celebrando el punk influenciado por el anarquismo que está ocurriendo ahora en todo el mundo. Sin embargo, la fuerza de la nostalgia punk parece irresistible, y terminé escribiendo sobre los Sex Pistols, otra vez. No

¹ Professor Doutor Jim Donaghey, Pesquisador (AHRC Early Career) da Escola de Comunicação e Mídia da Universidade de Ulster. E-mail: jim.donaghey@ulster.ac.uk. Artigo produzido e traduzido para o dossiê “História e Historiografia do punk”, Revista Expedições. Tradução, revisão e edição: Tiago de Jesus Vieira e João Augusto Neves Pires.

obstante, a partir de esta exploração reacia de los Sex Pistols como íconos, altamente imperfectos, de la ‘anarquía’ punk, este artículo compensa ese énfasis nostálgico al resaltar las características distintivas del ‘anarquismo punk’ contemporáneo. Esto incluye: análisis de la reconfiguración de clase; tensiones con el canon anarquista; producción/consumo hazlo tú mismo; y activismo cultural. El artículo concluye reflexionando sobre la tensión entre la contracultura punk marginal y el “comercialismo” del mainstream.

Palabras clave: punk; anarquismo; Sex Pistols; Hazlo Tú Mismo.

Introdução: Por que não consigo parar de escrever sobre os Sex Pistols?

Como um iconoclasta profundamente imerso na cultura punk e nas ações políticas anarquistas, eu realmente gostaria de escrever sobre os Sex Pistols. Em minha visão, sua música era monótona, e suas posturas políticas eram superficiais. No verão de 2024, a banda anunciou mais uma vez sua reunião, ainda que sem o vocalista original. As reuniões anteriores, acompanhadas por turnês em arenas (em 1996, 2002-2003 e 2007-2008), não disfarçaram seu caráter de exploração comercial, a reunião de 1996, por exemplo, foi intitulada "*Filthy Lucre*", uma sátira irônica do próprio empreendimento. Desta vez, a nostalgia nauseante é ligeiramente atenuada pelo fato de que os shows de reunião são em benefício do Bush Hall, um pequeno espaço musical no oeste de Londres. Ainda assim, eu jamais usaria uma camiseta dos Sex Pistols, muito menos uma dessas de turnês de reunião, prefiro chamar a atenção para todo o punk anarquista inovador que está surgindo em diferentes partes do mundo atualmente. No entanto, mesmo contra a minha vontade, uma vez mais sou levado novamente as restrições históricas e geográficas da Londres da metade e do fim da década de 1970, em direção a uma banda e seus integrantes.

Desta forma, o presente artigo buscará romper a órbita decadente em torno dos Sex Pistols, embora leve mais de 2.000 palavras antes que consiga, ainda que brevemente, escapar de sua gravidade. Então, por que não consigo simplesmente parar de escrever sobre os Sex Pistols? É possível que tal iconoclasmo perca seu sentido sem alguns símbolos a serem destruídos. Assim, inicialmente me sinto na obrigação de abordar os Sex

Pistols para atacar ao estereótipo comum do que representa o *punk*, quem sabe até o seu próprio clichê, antes de conseguir ultrapassá-lo. Ao menos, isso facilita a organização do artigo.

Para tal, iniciarei abordando a “noção de anarquia” disposta nos ícones *punk*, os Sex Pistols, antes de romper com esse foco nostálgico ao direcionar a atenção para o *punk*, e o anarquismo, contemporâneo, buscando fazer uma abordagem profunda, visando ir muito além da área SW3 de Londres, deslocarei, portanto, para os “confins” do punk, locais quase desconhecidos ou invisíveis, àquilo que me confere peso empírico ao mencionado iconoclasmo para com o Sex Pistols. Em seguida, serão analisadas as complexidades do “anarquismo punk”, incluindo as críticas direcionadas a eles pelos “veteranos” anarquistas, além de destacar algumas de suas manifestações de caráter ativista. Posteriormente, será esboçada uma demarcação do anarquismo punk, apontando características distintivas, com sua decadente enunciação e figuração iconoclasta como “cânones” anarquistas (os eruditos da filosofia política anarquista clássica, segundo Kinna, 2012), dando ênfase na produção/consumo “faça-você-mesmo” (e faça junto), e o foco em ativismos com ênfase cultural. Como conclusão, farei uma breve exploração da tensão entre o punk underground “faça-você-mesmo” e os momentos em que o punk “se vende” ao *mainstream*.

Ícones e Enigmas do Punk: Camisetas de anarquia (£360 cada)

Estamos próximos de completar 50 anos do lançamento de *Anarchy in the UK*, dos Sex Pistols, em novembro de 1976. Apesar de sua relevância histórica, os Sex Pistols não foram a primeira banda punk, Stewart Home, inclusive, chega a “contestar a ideia de que os Pistols sejam uma banda ‘PUNK’” (1995, p. 10), desmerecendo *Anarchy in the UK* como “algo realmente básico, horrível!” (1995, p. 14). O termo “punk” como descritor musical remonta à cena de bandas de garagem dos anos 1960 nos Estados Unidos, com a revista Creem cunhando a expressão “punk-rock” em 1971 para descrever a banda de Michigan “? and the Mysterians” (Marsh, 1971, p. 42). Também de Michigan, havia uma banda chamada “The Punks”, ativa entre 1973 e 1977. Nesse contexto, a revista Punk foi lançada em janeiro de 1976, celebrando a crescente cena *punk* de Nova York, enquanto o álbum de estreia homônimo dos Ramones foi lançado em abril de 1976. Além disso, um pouco antes

do primeiro single dos Sex Pistols, “*The Damned*” foi a primeira banda britânica a lançar um disco “autenticamente” punk, em outubro de 1976.

Portanto, mais do que qualquer inovação musical ou estética, grande parte do legado contracultural dos Sex Pistols reside em sua investida política, caracterizada pelo seu ousado desafio às autoridades e sua adoção de símbolos políticos radicalmente chocantes. Entre esses símbolos, destacava-se a suástica nazista, evidente em braçadeiras usadas pelos integrantes da banda e seus seguidores, além de figurar nas criações da estilista e associada dos Sex Pistols, Vivienne Westwood. Jamie Reid também empregou a suástica em sua arte para os Pistols, o design original da capa de *God Save the Queen* (1977) substituíra os olhos da rainha Elizabeth II pelo emblema nazista.

Destaca-se, portanto, que o uso da simbologia nazista era chocante pelas suas conotações políticas, mas, na Inglaterra dos anos 1970, o impacto era intensificado pelo fato de a Segunda Guerra Mundial ainda estar viva na memória de muitos. Sua utilização representava uma provocação deliberada contra o respeito aos “caídos” no conflito, bem como a narrativa oficial de sacrifício nacional nobre. Para reforçar a mensagem de choque, a camiseta “*destroy*” de Westwood apresentava um Jesus crucificado de cabeça para baixo, entrelaçado com uma suástica, adicionando caráter de blasfêmia religiosa à leitura semiótica.

Esse apelo ao choque também sustentava o design da camiseta “*anarchy*”, usada pelos Sex Pistols nos palcos a partir de 1976. Ben Westwood, filho de Vivienne Westwood, descreve a camiseta: Havia um patch de Karl Marx, da livraria comunista em Londres, dois patches longos, escritos à mão, como faixas proclamando slogans “situacionistas”, como “sob o asfalto está a praia”; um opcional emblema do partido nazista de cabeça para baixo “motivo da águia”; e uma braçadeira com a palavra “caos” escrita. As palavras “somente os anarquistas são bonitos” foram *stenciladas* no peito. A camiseta incorporava todo o “ethos punk” do “faça-você-mesmo”, um *ethos* que você mesmo pode seguir. Faça sua própria camiseta. (B. Westwood, 2013)

Contudo, contradizendo o alegado *ethos* “faça-você-mesmo”, uma edição limitada do design foi relançada em 2013 ao preço de £360, as camisetas *Anarchy* eram, e continuam sendo, itens de alta moda exclusivos, ainda que seu estilo estético seja facilmente replicável. Por acaso, algumas versões da camiseta incluíam a frase

“Buenaventura Durruti and the Black Hand Gang” como uma referência adicional ao anarquismo.

A camiseta *Anarchy* foi usada por Johnny Rotten, vocalista dos Sex Pistols, na primeira performance ao vivo de “*Anarchy in the UK*” na televisão, em agosto de 1976. Após a apresentação, o anfitrião do programa, Tony Wilson, comentou que “Bakunin adoraria isso”. Como observa o coletivo CrimethInc., isso ocorreu quase exatamente “cem anos após a morte de Mikhail Bakunin” (Participants in the CrimethInc. Ex-Workers’ Collective, 2022, p. viii), embora seja difícil dizer se ele teria aprovado ou não. Com a confusão dos símbolos exibidos, o apresentador poderia muito bem ter afirmado que Karl Marx ou Adolf Hitler “adorariam isso”, uma ideia improvável, mas que talvez sugira um núcleo anárquico essencial no punk.

A associação entre os Sex Pistols e o anarquismo é tão difundida que alguns chegam a afirmar que Westwood criou o agora onipresente símbolo circundado do “A” de anarquia, o que não é verdade. Joseph Corré, outro filho de Westwood, e de Malcolm McLaren), faz essa afirmação:

ela é a pessoa que inventou o símbolo da anarquia no círculo que você vê em todo lugar! ... A primeira vez que ela mostrou esse símbolo de anarquia foi no ‘a’ em chaos na camiseta Anarchy [1976]. Ela estava tentando criar uma camisa para o que ela considerava um guerrilheiro urbano, algo que Che Guevara usaria, mas na cidade... Ela era um gênio do caralho! (in Lloyd-Smith, 2024)

É importante frisar que é falso que Westwood tenha inventado o símbolo circundado do “A” é sabido que ele apareceu pela primeira vez, pelo menos, doze anos antes, na capa de abril de 1964 do “*Bulletin de Liaison et de Discussion des Jeunes Libertaires*” em Paris (ver Bertolo e Enckell, 2002; Ibáñez, 2024). No entanto, é indiscutível que os designs de moda de Westwood popularizaram o símbolo, especialmente por meio de sua ligação com os Sex Pistols. Nathan Brown dá mais crédito ao Crass por “introduzir o símbolo circundado do ‘A’ anteriormente obscuro para milhares” entre 1979 e 1984 (2019). Contudo, independentemente de quem foi responsável pela sua difusão, a popularização do motivo entre os punks foi tão extensa que causou preocupação entre contemporâneos do movimento anarquista. Segundo Richard Porton, o “veterano anarco-sindicalista Sam Dolgoff temia que jovens compelidos, pelo punk, a desenhar ‘As’

circundados nas laterais de edifícios pouco soubessem sobre a história ou teoria anarquista” (Porton, 2009, p. iv). Esse sentimento de exclusão da “velha guarda” anarquista por um novo (e, por inferência, inferior) “anarquismo punk” será discutido em detalhes a seguir.

Eu quero ser a anarquia: não acho que você realmente queira dizer isso, cara

Ao analisar criticamente, a radicalidade implícita na adoção de motivos chocantes pelos Sex Pistols rapidamente se revela inautêntica. Para Malcolm McLaren, parceiro criativo de Vivien Westwood e empresário da banda, os Sex Pistols eram essencialmente uma ferramenta de *marketing* para vender camisetas de “Anarquia” e calças de *bondage* em sua boutique na *King’s Road*, em Londres. McLaren já havia experimentado o artifício de uma banda de rock politizada em 1975, ao vestir o *New York Dolls* “como a divisão de garotos de programa da Guarda Vermelha Chinesa” (ANTONIA, 1998), decorando os locais dos shows com bandeiras vermelhas e hasteando um estandarte comunista. A banda talvez já estivesse à beira da separação, mas a reação negativa do público àquela imagética política, no contexto da Guerra Fria nos Estados Unidos, acelerou o fim do *New York Dolls*. Nesse sentido, os *Sex Pistols* aparecem como uma reiteração de uma fórmula pré-concebida, uma tentativa cínica de provocar indignação pública por meio de motivos políticos controversos, com a consequente infâmia sendo esperada para impulsionar vendas de discos, ou, ao menos, atrair clientes para sua loja de roupas.

Ademais, no meio de toda a postura “anti-sistema” e da retórica do “faça-você-mesmo”, os Sex Pistols sempre estiveram ligados a grandes gravadoras, inicialmente a EMI, depois à A&M (pela qual a CBS distribuiu *God Save the Queen* em 1977); a *Virgin* lançou *Never Mind the Bollocks* (1977). Além disso, a banda também assinou com a *Warner Bros* para lançamentos nos EUA e, por fim, com a Universal para o relançamento de *Never Mind the Bollocks* em 2012. A sucessão de mudanças entre gravadoras sugere, ao menos, uma falta de lealdade a seus financiadores corporativos, ao passo que também foram dispensados pela EMI e pela A&M devido a diversas controvérsias. No entanto, nunca houve qualquer tentativa de traçar um caminho de produção autônoma “faça-você-mesmo” ou de se conectar aos inúmeros selos independentes que surgiam na época, e isso antes que esses “selos indie” fossem absorvidos como subsidiárias ou publicadoras das

grandes gravadoras. A mensagem de “faça-você-mesmo” dos Sex Pistols era, sim, empoderadora no que se refere ao encorajamento desmistificador de que “qualquer um pode fazer” (DALE, 2011), rejeitando o virtuosismo musical e ostentando desígnios de moda facilmente replicáveis. Contudo, esse *ethos* não foi aplicado à sua própria produção, mesmo enquanto outros contemporâneos do *punk* demonstravam que isso era exequível e virtuoso.

Recentemente, o legado “anarquista” dos Sex Pistols foi prejudicado pelo apoio declarado de Johnny Rotten/Lydon a Donald Trump. Como ele próprio afirmou: “é daí que vem meu amor por Trump: ele não era político de forma alguma. Ele lançou uma chave de fenda anarquista no sistema e chacoalhou tudo. Os Sex Pistols da política, sim! Fantástico, fantástico!” (apud TAYLOR, 2023).

A caracterização de Trump como “anarquista” é desconcertante, mas, considerando o emaranhado confuso de posturas de choque descritas acima, o apoio de Rotten/Lydon ao slogan “*Make America Great Again*” pode ser considerado absolutamente consistente. A “anarquia” de 1976, e o nazismo, pode facilmente ser substituída pelo fascismo trumpista contemporâneo, na busca por um espetáculo chocante de controvérsia política. Isso é capturado em um comentário de um telespectador, respondendo à exibição inicial das simpatias trumpistas de Rotten/Lydon no programa *Good Morning Britain*: “40 anos atrás eu achava que John Lydon falava por mim. Na verdade, ele só dizia bobagens” (apud LEWIS, 2020).

Em *Anarchy in the UK*, Johnny Rotten distorce a pronúncia de “*anarchist*” para rimar com “*anti-Christ*” (foneticamente: /'anəkɹɪst/). Teria sido sempre uma semi-rima para uma canção pop corporativa pseudo-radical? Ele estava apenas dizendo “bobagens”? A “anarquia” da música soa vazia quando sabemos, através do baterista dos *Sex Pistols*, Paul Cook, que a letra surgiu de uma piada interna na van da turnê: “O Sr. Bernie Rhodes, ex-empresário do *The Clash*, era nosso motorista. E, se havia qualquer indício de confusão nos shows, Bernie sempre dizia: ‘Ah, isso é anarquia, cara. Olha só. Foi uma loucura, não foi? Foi anarquia!’ Acho que isso plantou a semente da letra na fértil mente de Johnny Rotten” (COOK em entrevista a LAMACQ, 2024).

Mas mesmo que a “anarquia” dos Sex Pistols pareça cada vez mais questionável, ainda assim ela estabeleceu as bases para uma relação muito mais profunda entre o anarquismo e o punk, que persiste há meio século.

É importante destacar que essa não é uma tentativa de reatribuir o nascimento da relação entre punk e anarquia a um ponto mais coerente. Mesmo que tentasse, encontraria obstáculos semelhantes, os autoproclamados anarquistas da banda Crass, que deram origem ao subgênero do *anarcopunk*, afirmaram posteriormente que seu conhecimento sobre a filosofia política anarquista era tão limitado que teriam presumido que Bakunin fosse uma marca de vodca (RIMBAUD, 1998, p. 109). Em vez de tentar articular retrospectivamente essa relação inicial entre punk e anarquismo, a única abordagem eficaz é abraçar toda a contradição e “deleitar-se nessa confusão!” (DUNCOMBE apud SABIN, 2012, p. 107).

Em defesa dos Sex Pistols, é notável que a adoção do epíteto “anarquista” por Pierre-Joseph Proudhon (1840) estava muito ligada a uma tática de choque, transformando um termo até então pejorativo em uma virtude. Assim como Johnny Rotten, o legado de Proudhon pode ser considerado manchado por sua misoginia (DUPUIS-DÉRI, 2024) e seu antissemitismo (DRAPER, 1969). Alguns anarquistas rejeitam Proudhon da mesma forma que Stewart Home e outros punks rejeitam os Sex Pistols, como coloca um comentarista na internet: “Eu, como anarquista, desgosto de grande parte de Proudhon, tanto política quanto pessoalmente” (Freedmind, 2017), embora alguns prefiram desculpar Proudhon como um “pensador desconfortável” (CHIAROMONTE, 1946). Mas isso não é particularmente problemático, pois o punk e o anarquismo estão, felizmente, livres de qualquer doutrina fundacional singular, a reinterpretação e a radical rejeição aos antecessores são partes integrantes de ambos. Eles são concebidos popularmente, e, portanto, de maneira diversa, e os agonismos e antagonismos que daí surgem são os motores de sua constante evolução e, conseqüentemente, de sua persistência. Não importa muito que Vivien Westwood não tenha realmente inventado o símbolo do “A” circulado, ou que Johnny Rotten tenha dito “*anarchaayste*” em vez de “*anarchist*”, ou que seu apoio a Trump seja profundamente “desconfortável”, ou que McLaren quisesse apenas vender camisetas de “Anarquia”, ou que os Sex Pistols estivessem na EMI e na A&M, porque essas pessoas não possuem autoridade sobre as

concepções de “punk”, e qualquer reivindicação nesse sentido simplesmente se estabelece como um alvo para a rejeição de ícones pelo punk.

Devido a essa base popular difusa, talvez se possa argumentar que “mesmo onde o punk inicial parece mais distante do anarquismo político e do cânone anarquista, práticas e retóricas anarquistas **ainda** podem ser identificadas” (DONAGHEY, 2013, p. 169, grifo do original). Os Sex Pistols não estavam envolvidos em produções DIY, mas muitos de seus contemporâneos estavam. Legados contraculturais do movimento *hippie* estavam sendo refinados e destilados pelo punk. O punk inicial era de forma embrionária “anti-sistema”. Mesmo que fosse uma tática de choque, o espectro do anarquismo estava sendo invocado de forma estridente. Combinados, esses elementos são intuitivamente anárquicos, ainda que não precisamente anarquistas. Mais do que isso, ocasionalmente se evidencia alguma substância de análise política reconhecidamente anarquista. Diversas fotografias tiradas por Ray Stevenson em 1976, no apartamento de Linda Ashby (dama do grupo social em torno dos Sex Pistols e da cena punk inicial de Londres), mostram um pano de fundo com grafites rabiscados, onde se lê: “ANARQUIA no Reino Unido significa liberdade do estado policial (babacas!)” (de TOLLENAERE, 2022, não publicado). Mas, novamente, essa expressão fugaz de coerência política é complicada ou anulada por fragmentos de grafites vizinhos: está escrito “Woolworths S.S”? Quem escreveu “ELES NÃO QUEREM ANARQUIA”? Quem não quer anarquia? Siouxsie Sioux e os Banshees? A tentação é extrair o elemento coerente e descartar o restante como ingênuo ou confuso, mas, para concordar com Matthew Worley: “Compreender a política do punk, portanto, não é encontrar clareza filosófica ou a base de um **movimento**. Pelo contrário, a política do punk residia na sua recusa e na sua prática: o reconhecimento de que ‘aceitação cega é sinal de tolos estúpidos que ficam na fila’ ” (2017, p. 254, grifo do original).

Talvez, de maneira apropriada ao foco deste artigo, Worley não pode deixar de citar uma letra dos Sex Pistols para reforçar seu argumento (EMI, 1977). Como será abordado a seguir, o tempo passado desse parágrafo é rejeitado aqui, mas a ênfase de Worley na “prática” é essencial, como será explorado posteriormente na discussão sobre ativismo cultural “faça-você-mesmo” e sua produção.

RIP Punk: outubro de 1976 – janeiro de 1977

*Sim, é isso mesmo, o punk está morto,
É apenas mais um produto barato para a cabeça do consumidor.
Rock de chiclete em transistores de plástico,
Sedição de colegial respaldada por grandes promotores.
Crass (1979)*

De acordo com Penny Rimbaud, baterista do Crass, o grupo já havia começado a rabiscar “punk is dead” como grafite em 1977 (1998, p. 85), dois anos antes de transformar o slogan em letra de música. Mas eles foram precedidos pela revista contracultural International Times, que já havia declarado a morte do punk em fevereiro de 1977². Mesmo que a data de nascimento do punk seja algo vagamente definida, essa data de morte marca uma vida cultural notavelmente curta.

É notável, em conversas com ex-punks, que o auge percebido do punk por eles se alinha exatamente com sua própria participação na contracultura, seja em 1977, 1994 ou 2015. Desta forma, a “morte” do punk é um momento subjetivamente vivenciado. Mas, como um fenômeno disforme e em evolução, o punk continua sem os aposentados, reinterpretando-se para além de qualquer momento calcificado em particular, e frequentemente além do reconhecimento dos ex-punks deixados pelo caminho. Essas múltiplas mortes do punk, então, minam a validade de qualquer uma delas. Contudo, argumenta-se que a primeira “morte” do punk, mais do que qualquer outra declaração subsequente de seu fim, “trouxe nova vida à contracultura” (HOLTZMAN et al., 2007, p. 47). Seguindo o modelo sucessório monárquico: *Le roi est mort, vive le roi!* – PUNK IS DEAD (a primeira morte do punk marcou a rejeição da cooptação corporativa do punk), LONG LIVE PUNK (a “morte” gera uma revitalização das práticas punk por meio de um aprofundamento de seu *ethos* DIY de forma mais significativa). Essa ideia ressoa com a autorrealização reinterpretativa do punk, Brian Cogan compara-o a um “vírus” (2007), enquanto CrimethInc. compara sua evolução a uma “bactéria” que se “intensificou... e se tornou imune aos antibióticos” (PARTICIPANTS IN THE CRIMETHINC. EX-WORKERS’ COLLECTIVE, 2022, p. ix).

A letra do Crass, acima, faz uma crítica indireta ao ambiente dos Sex Pistols em particular, o termo “sedição” refere-se à butique de Malcolm McLaren e Vivien Westwood

² Cf. INTERNATIONAL TIMES. *Issue 6*. Fevereiro 1977.

na King's Road, chamada Seditionaries, e, para reforçar a suspeita da banda como ferramenta de marketing, a loja era anteriormente conhecida como SEX. O Crass argumenta que a intrusão de grandes gravadoras corporativas reduz o punk a uma mera mercadoria de consumo e, de fato, o aumento da produção faça-você-mesmo no punk, que a partir de 1979 marca uma mudança importante (DONAGHEY et al., 2024b, p. lv). A tentativa de estabelecer uma produção autônoma foi desigual, no entanto, o álbum de estreia do Crass, *The Feeding of the 5000* (1979), foi inicialmente lançado pelo selo independente *Small Wonder* antes de ser relançado pelo próprio selo da banda, *Crass Records*. Mas, por mais que a dinâmica do faça-você-mesmo fosse exaltada como uma virtude punk, esse reforço da produção autônoma também foi simplesmente uma necessidade devido ao declínio do interesse das grandes gravadoras, como também refletido na rápida redução da cobertura da imprensa *mainstream* em 1979³. Essa tensão entre faça-você-mesmo como necessidade e como virtude é discutida em mais detalhes a seguir.

Punk global

Combinado a um foco restrito nos anos 1970 como o momento singular do punk está um confinamento geográfico à Inglaterra, predominantemente Londres, e aos Estados Unidos (predominantemente Nova York. Na verdade, o punk já estava causando um impacto global mais amplo em 1977, com cenas surgindo rapidamente na França, Polônia, Japão e Austrália, por exemplo. As cenas punk no sul da Europa já estavam estabelecidas no final da década de 1970, incluindo Espanha (SERRANO et al., 2024), Grécia (KOLOVOS, 2022), Itália (D'ERRICO, 2024), as primeiras bandas punk foram formadas na África do Sul em 1978 (DUNN, 2022) e no Brasil em 1979 (BITTENCOURT e VIEIRA, 2022), espalhando-se globalmente para outros lugares da América Latina (Chile, Uruguai, Argentina (CALANDRA, 2022) e do Leste Europeu (DANIEL, 2022) durante o início dos anos 1980, e para Venezuela, Cuba (MONTES DE OCA, 2022) e Indonésia (DONAGHEY, 2016) no final da década de 1980, com as cenas emergentes mais recentes

³ Cf. BIDGE, Dickhead. *Bakunin Brand Vodka: Anarchism in early punk 1976-1980*. Karlovac, Croatia: Active Distribution, 2019, p. 4.

em contextos como China (AMAR, 2022) e Mianmar (HIRSCH, 2023) se enraizando em meados da década de 1990.

Esse esboço parcial e apressado da transmissão global do punk ganha corpo com alguns projetos recentes de publicações punk. Por exemplo, nos dois primeiros volumes de *The Anarchism and Punk Book Project* (DONAGHEY et al., 2022; DONAGHEY et al., 2024a), os capítulos abordam contextos como: África do Sul, Venezuela, Cuba, Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, País Basco, Tchêquia, Croácia, Grécia, Reino Unido, Indonésia, Japão, China, Estados Unidos, Itália, Alemanha, Países Baixos, Espanha, Colômbia, França e Catalunha. Além desses lugares, a série “*Global Punk*” da *Punk Scholars Network* (BESTLEY et al., 2019; BESTLEY et al., 2021a; BESTLEY et al., 2021b) inclui: Portugal, México, Canadá, Irã, Malásia, Rússia, Singapura, Nova Zelândia (Aotearoa), Filipinas, Irlanda, Austrália, Turquia e Finlândia. Para reforçar ainda mais o argumento e complementar essa já impressionante disseminação global, o selo internacionalista de discos punk *Tian An Men 89* lançou compilações de cerca de 45 contextos globais entre 1993 e 2013, incluindo: Guiana, Transnístria, Índia, Paquistão, Marrocos, Síria, Líbano, Arábia Saudita, Azerbaijão, Argélia, Uzbequistão, Tajiquistão, Quirguistão, Irã, Kosovo, Buriácia e Carélia, Madagascar, Cábárdia-Balcária e Tartaristão, Macedônia, Mianmar, Nepal, Cazaquistão, Malta, Paraguai, Moldávia, Brunei, Costa Rica, Macau, Albânia, Jordânia, Madagascar, Ilha da Reunião, Hong Kong, Geórgia, Indonésia, Belarus, Malásia, Tailândia, Turquia, Cuba, Armênia, Lituânia e Romênia (ver página do Discogs.com para listagem completa). Há uma relativa falta de representatividade de contextos da África Subsaariana nessa lista, e os fluxos culturais globais do punk continuam a ser moldados pelas desigualdades do neocolonialismo, sem dúvida, mas a diversidade das cenas punk aqui exibidas revela o quão absurda é a miopia anglo-americana persistente.

Essa dimensão de “punk global” também tem significado para a relação entre punk e anarquismo. Como argumenta Kevin Dunn, “as redes e os fluxos globais do punk DIY oferecem o potencial para contra-hegemonia e resistência política” (2016, p. 111), especialmente em sua relação com o anarquismo (2016, p. 205). Em todo o mundo, em lugares que sofreram sob o jugo do autoritarismo, de qualquer orientação ideológica, o punk ajudou a reintroduzir ideias anarquistas que haviam sido efetivamente reprimidas. Por exemplo, na Indonésia dos anos 1990, durante a luta contra a oligarquia pseudo-

fascista, a “revitalização do anarquismo foi fomentada pelos movimentos estudantis em todo o arquipélago e **particularmente pela contracultura punk**” (ESTRELITA et al., 2022, grifo meu). A base anticapitalista do punk é bastante óbvia em seus ambientes de origem anglo-americanos, e isso ressoa em outros contextos capitalistas ao redor do mundo. Mas em lugares como o Bloco Oriental e Cuba, a expressão política “anti-sistema” do punk tem sido explicitamente anticomunista também (DANIEL, 2022; PIOTROWSKI, 2016; MONTES DE OCA, 2022).

Como será discutido em maior detalhe adiante, a influência do punk no ressurgimento do anarquismo é identificável em formas específicas de ativismo. Por exemplo, na Espanha, o punk foi um catalisador crucial para o movimento de ocupações pós-Franco (Cattaneo; Tudela, 2014, p. 98). E, de maneira crucial, essa “regeneração” do anarquismo foi “amplamente desvinculada da longa tradição do anarcossindicalismo”, como observa Woods no caso do Chile (Woods, 2022, p. 154, citando Solar e Pérez, 2008).

Portanto, é inadequado limitar a análise do punk a contextos historicamente efêmeros e geograficamente restritos. Ademais, a difusão global contemporânea do punk só pode ser compreendida de maneira eficaz por meio de suas conexões com o anarquismo. No entanto, essa relação não é simples, e essas complexidades são ampliadas de formas interessantes em diferentes contextos internacionais.

Anarquismo Punk ou “anarquismo propriamente dito”?

Embora o punk tenha evidentemente revitalizado o movimento anarquista em escala mundial, argumenta-se que o “anarquismo punk” que ele gera é distinto de seus predecessores e contemporâneos anarquistas, que forma a base de algumas tensões e críticas, mútuas. Em locais como o Reino Unido, o movimento anarquista estabelecido dos anos 1970, ainda que limitado, mostrava-se desconfiado do anarquismo emergente associado ao punk, como já sugerido pelas reservas de Sam Dolgoff, mencionadas anteriormente. Essas preocupações, contudo, pouco fizeram para impedir a profunda influência do punk no anarquismo nas décadas subsequentes. Mais recentemente, a “hegemonia cultural do punk” dentro do movimento anarquista tem sido foco de críticas (Cohn, 2014, p. 187).

Sem pretender replicar a caricatura do anarquismo punk como uma forma redutiva de “estilismo de vida”, *lifestylism*, uma síntese simplista poderia identificar o foco na “cultura política” como sua característica definidora (Lion, 2014, p. 8). Entre os ativismos destacados nesse sentido estão: soberania alimentar veganismo; libertação animal e *Food Not Bombs*; antifascismo; ocupações; produção/consumo do tipo “faça-você-mesmo” (DIY). Barrett descreve o punk como “uma forma de ação direta”, manifestada principalmente em “uma elaborada rede de contrainstituições, incluindo espaços culturais”, que operam como “locais de resistência à agenda privatizadora do neoliberalismo [...] em uma intensa [...] luta para manter espaços culturais autônomos” (2013, pp. 23-24). Escrevendo no contexto turco, Tolga Güldallı identifica a “ideologia” punk como “antifascista, anticapitalista, antimilitarista, antiautoritária, antisexistista, antihomofóbica, profundamente ecológica e pró-direitos animais” (2007, n.p.), enquanto Sandra Jeppesen caracteriza o anarquismo punk simplesmente como um compromisso com “políticas antiopressão” (2011, p. 44).

No entanto, essa tipologia, e as críticas que a acompanham, é enfraquecida pelo engajamento do anarquismo punk com sindicatos próximos ao anarquismo, como o IWW (Trabalhadores Industriais do Mundo) nos Estados Unidos (Forman, 2014), e pela abordagem estética influenciada pelo punk em alguns grupos anarcossindicalistas, como o Direct Action Movement no Reino Unido (Smith; Worley, 2014, p. 135). Especialmente em contextos não ocidentais, a divisão supostamente clara entre grupos do anarquismo e seus ativismos associados torna-se ainda mais difusa. Por exemplo, a combinação de táticas de *black bloc* de inspiração punk e sindicatos anarcossindicalistas recém-(re)emergentes na Indonésia, como o PPAS (Persaudaraan Pekerja Anarko Sindikalis) ajudou a impulsionar os enormes protestos do dia do Trabalho de 2018 e 2019 em todo o arquipélago (Prasetyo, 2020; Estrelita et al., 2022).

Todavia, mesmo com essas ressalvas, a acusação de que o anarquismo punk não é “anarquismo propriamente dito” tem sido persistente e merece consideração mais detalhada.

Rejeição pela velha guarda anarquista e iconoclasmo do anarquismo punk

A revista *Anarchy* acusou bandas anarcopunks, como Crass e Poison Girls, de "falharem em reconhecer a necessidade de uma 'estratégia coletiva' ou de uma 'luta revolucionária'", além de serem "muito subjetivas" e "ingênuas" (ANARCHY, 1982a, pp. 4-5; 1982b, p. 11, *apud* WORLEY, 2017, p. 168). No entanto, apesar da falta inicial de engajamento com o "cânone anarquista" evidenciada por grupos como Crass, e os *Sex Pistols*, bandas punks ocasionalmente fizeram referência a anarquistas clássicos. Alguns exemplos de bandas como nomes dados em homenagem a anarquistas "famosos" incluem Czolgoz, em atividade no final dos anos 1990 e início dos 2000, "batizado" com o nome do assassino do presidente norte-americano McKinley, *Louis Lingg and the Bombs*, 2006-presente, nomeado em homenagem a um mártir de Haymarket e *The Durutti Column*, 1978 até o início dos anos 2010, nome dado em reconhecimento ao líder miliciano da Guerra Civil Espanhola, ainda que com erro ortográfico no nome "Durruti". Além disso, os rostos de Peter Kropotkin e Emma Goldman foram apresentados em materiais produzidos pelas bandas *Faintest Idea*, anos 2010, e *Verse*, anos 2000.

O anarquista mais "famoso" do final do século XX, Noam Chomsky, também se envolveu com o punk, gravando uma contribuição falada para um lançamento que foi dividido com a banda Bad Religion (1991). Posteriormente, Chomsky admitiu que "não conseguiu entender absolutamente nada" da música anti-guerra da banda, mas, apesar de sua limitada compreensão do punk, observou que, "por anos, a principal coisa que as pessoas queriam que ele assinasse em palestras ao redor do mundo era esse disco" (FINE, 2011). O veterano anarcossindicalista Albert Meltzer criticou o envolvimento punk no "Anarchy Centre" em Londres no início dos anos 1980 (CROSS, 2024, p. 29), mas avaliou "Anarchy in the UK", dos Sex Pistols, como "uma música sensacional" (*apud* NAWROCKI, 2012, p. 64).

Portanto, não houve uma inimizade generalizada entre o punk e a "velha guarda" anarquista, mas essas aproximações são notáveis em meio às tensões de fundo entre "a filosofia anarquista punk emergente e os anarquistas tradicionais de luta de classes" (O'GUÉRIN, 2012, p. 18). A menção de classe feita por O'Guérin é instrutiva.

As críticas ao anarquismo punk provenientes de anarcossindicalistas proeminentes, como Dolgoff e Meltzer, indicam uma tensão central em torno das concepções de classe, por isso a relevância dos mencionados engajamentos punk com

sindicalismo e ativismos anarcossindicalistas. Para os anarcossindicalistas, a agência revolucionária reside na classe trabalhadora, ainda que a delimitação de “classe trabalhadora” seja geralmente mais complexa para anarcossindicalistas do que para marxistas ortodoxos, vale enfatizar. Por outro lado, o anarquismo punk apresenta uma “política *menor*” ou de “traidores de classe”, particularmente explicada por Joel Olsen, da publicação *Profane Existence*, e, mais recentemente, pelo coletivo *CrimethInc. Ex-Workers’ Collective* (DONAGHEY, 2020; JEPPESEN, 2011; BESWICK, 2024). Fora dos Estados Unidos, Sean Martin-Iverson considera que os punks indonésios “reposicionam e rearticulam a classe em vez de transcendê-la ou deslocá-la” (2014, p. 20).

Assim, além de uma desconfiança geral de que os anarquistas punks são mal informados, como exposto por Dolgoff e pelo coletivo *Anarchy*, críticas mais específicas ao anarquismo punk centram-se nessa análise distinta de classe. Nick Heath, anteriormente no periódico *Black Flag* e mais recentemente do *Anarchist Communist Group* no Reino Unido, fornece um exemplo conciso, lamentando que o anarquismo punk seja “definido pelo estilo de vida e, em última instância, uma forma de elitismo que despreza a massa da classe trabalhadora por sua inação” (HEATH, 2006). Mas as críticas são recíprocas:

ENCARE: SUA POLÍTICA É UM TÉDIO ABSURDO (CrimethInc., 2001, p. 188)

Como sugere a resposta contundente do CrimethInc., o desprezo da velha guarda tem sido amplamente retribuído pelos anarquistas punks. A ignorância estudada em relação ao “cânone anarquista” por parte de Crass e dos *Sex Pistols* pode ser interpretada como precursora da explícita iconoclastia dos punks anarquistas que vieram depois, o que confere alguma forma ao caráter distinto do “anarquismo punk”.

Ian Bone, fundador do jornal e federação Class War no Reino Unido, faz uma crítica instrutiva: “Aqueles que fazem uma revolução sem referência explícita à vida cotidiana falam com um cadáver na boca. Mas os anarquistas falavam com cadáveres na boca, geralmente espanhóis ou ucranianos, e seus jornais pareciam não ter conexão com a vida cotidiana de ninguém” (2006, p. 256).

Bone parafraseia o situacionista Raoul Vaneigem (1963-1965, p. 11) para criticar a obsessão da velha guarda anarquista por episódios históricos como a Revolução

Makhnovista na Ucrânia (1917-1921) e a Revolução e Guerra Civil Espanhola (1936-1939). O coletivo associado ao jornal *Freedom* (e à revista *Anarchy*) e Nick Heath, da publicação *Black Flag*, estavam entre os críticos do anarquismo punk já mencionados. Bone critica os primeiros como “adoradores de madeira morta da CNT e fetichistas de lutas armadas de poltrona” (2006, p. 102) e os segundos como “um jornal liberal terrivelmente chato e irrelevante” (2006, p. 167).

Como mencionado, essas divisões teóricas se tornam difusas na prática vivida, especialmente em contextos globais fora do Reino Unido e Estados Unidos da América. Contudo, as críticas mútuas sugerem a importante contribuição do punk como uma força revitalizadora para o anarquismo, devido à sua atitude não dogmática em relação à reinterpretação e disposição em descartar, ou permanecer ignorante em relação a cânones clássicos. A produção “faça-você-mesmo/faça-junto” e a vinculação entre cultura e política estão no cerne dessa contribuição do punk ao anarquismo.

Faça-você-mesmo (e faça-junto) – produção cultural e ativismo

Ecoando a ênfase de Matthew Worley na prática punk, o editor fundador da *MaximumRockNRoll*, Tim Yohannan, avaliou que “[a] longo prazo... o que importa no punk não são as letras, o que as pessoas dizem, mas o que elas **fazem**” (entrevistado por Turner, em SAKOLSKY; HO, 1995, p. 181, grifo meu). Como mencionado anteriormente, as motivações para adotar a produção faça-você-mesmo oscilam entre compromisso ético e necessidade prática. Como explicou Dickhead Bidge, não confundir com o semiótico marxista Dick Hebdige):

A ‘virtude’ do faça-você-mesmo, no punk, foi descoberta por necessidade, mas rapidamente tornou-se uma manifestação marcante do anarquismo intuitivo inerente ao punk inicial e um princípio central contínuo das culturas punk que existem fora da interferência mainstream (2019, p. 22).

O termo “*Do-It-Yourself*”, faça-você-mesmo, foi usado no contexto punk pela primeira vez por Caroline Coon, em outubro de 1976, mas remonta à emergência do consumismo relacionado à melhoria doméstica nos EUA da década de 1910, tornando-se um tropo cultural e musical difundido a partir dos anos 1950, além de ser adotado por

alguns anarquistas no início dos anos 1960 (OSTERGAARD, 1963). Assim, o punk se conecta a um reconhecimento já existente de:

um fio inelutável de radicalidade que permeia o faça-você-mesmo derivado de: sua base na ação e no fazer; sua ênfase na liberdade de expressão; seus vínculos com a produção material e cultural; e sua capacidade de borrar os papéis supostamente distintos de produtor e consumidor. (DONAGHEY et al., 2024b, p. xlv)

É nesse sentido que George Woodcock identifica o faça-você-mesmo como “a essência da ação anarquista” (1986, p. 421).

A radicalidade anarquista ancorada no faça-você-mesmo está no desafio de oferecer aos processos tradicionais de “produção, distribuição e consumo” (JEPPESEN, 2018, p. 203, grifo meu). Segundo Woodcock, especialmente, em relação à educação e reprodução social, “quanto mais as pessoas aplicarem [o faça-você-mesmo] em todos os níveis... mais as estruturas restritivas se tornarão ineficazes, e mais a dependência será substituída pela autossuficiência individual e coletiva” (1986, p. 421). Noys concorda, argumentando que “mais produção DIY significa menos produção capitalista corporativa e menos controle estatal” (2020, p. 26).

Além de reduzir quantitativamente a produção/consumo/distribuição *mainstream*, Martin-Iverson destaca a “política anarquista prefigurativa” que sustenta o faça-você-mesmo, gerando qualitativamente “valores sociais alternativos” (2014, p. 10). Como argumentado em outra obra:

a expansão da produção/consumo DIY não se trata apenas de deslocar a produção/consumismo mainstream (capitalismo, o Estado, os vilões); ao se engajarem nas práticas de faça-você-mesmo e faça-junto, as perspectivas e formas de estar no mundo das pessoas são radicalmente transformadas. (DONAGHEY et al., 2024b, p. lii-liii)

Contudo, o faça-você-mesmo punk “não está totalmente isento de comércio nem completamente autônomo” (LIPTRON, 2013, p. 223). Como Noys aponta:

As redes DIY estão inescapavelmente conectadas à produção capitalista. Os produtores DIY não podem escapar do trabalho alienado embutido nos

custos fixos de seus ‘negócios punk’, apesar das tentativas de se distanciar do lucro. Mesmo que um produtor DIY mantenha os preços no mínimo absoluto, sem lucro e sem qualquer margem, ele ainda repassa o trabalho alienado (explorado) contido no preço de tudo o que é adquirido fora da economia DIY. (2019, p. 30-31)

Além disso, concepções individualistas do faça-você-mesmo são suscetíveis de serem apropriadas pelas lógicas capitalistas empreendedoras, transformando produtores DIY em “mini magnatas” (CRIMETHINC., 2011, p. 88). O CrimethInc. diretamente associa o punk a isso, argumentando que o Crass “inadvertidamente pioneirou e validou uma nova forma de empreendedorismo, pavimentando o caminho para empreendedores menos politizados” (Participantes do CrimethInc. Ex-Workers’ Collective, 2022, p. xi).

Logo, a mudança retórica de faça-você-mesmo para faça-junto busca romper com o individualismo e avançar em direção a práticas cooperativas, coletivas ou comunitárias de produção, como um baluarte contra a apropriação capitalista do conceito e da prática.

De qualquer forma, a “virtude” do faça-você-mesmo está sempre sob pressão da apropriação *mainstream*, com aqueles que traem esses valores no punk sendo taxados de “vendidos”. Nesse sentido, manter uma relação “marginal” com a cultura *mainstream* e seus modos de produção/consumo/distribuição é entendido como uma forma de autopreservação, evitando co-optação (ou repressão – ver DONAGHEY; PRASETYO, 2021). No entanto, essa marginalidade está na raiz de inúmeras críticas ao anarquismo punk também.

Conclusão – escrevendo nas margens

Stephen Duncombe rejeita o punk como uma revolta performática, afirmando que ele “critica os poderes estabelecidos [...] [mas] nunca tem que confrontar o poder” (Duncombe, 1997, p. 193). Da mesma forma, AK Thompson argumenta que o faça-você-mesmo punk “representa principalmente a intenção das pessoas de se tornarem produtoras diretas. Na realidade, a maior parte do que é efetivamente ‘produzido’

mantém-se de caráter representacional” (Thompson, 2010, p. 22). E, como foi observado acima,

outros veem a conexão do punk com o estilo de vida como fatalmente problemática, com a crítica de que o ‘*navel-gazing*’ subcultural do punk o torna guetificado, elitista, individualista e, portanto, incapaz de se envolver em um ativismo anarquista ‘sério’ (Donaghey, 2020, p. 115).

Essas críticas estão todas relacionadas ao *locus* marginal do punk, e do anarquismo punk, que evita a repressão, se recusa a engajar-se na produção *mainstream* e se identifica como uma contracultura “underground” ou “de fora”. Como enfatizado ao longo desse artigo essas caricaturas são sempre distorcidas e simplificadas, e há uma abundância de exemplos de confrontos diretos do anarquismo punk com o poder, especialmente em contextos não anglo-americanos. No entanto, a marginalidade do punk tem servido como um importante reservatório de reinterpretação político-cultural.

Os flertes com o *mainstream* por parte das bandas de punk vinculadas a postura do faça-você-mesmo tendem a ser missões suicidas, os Sex Pistols são um exemplo instrutivo de como foram triturados e descartados pela indústria corporativa da música, independentemente das turnês de reunião, enquanto outras bandas degeneraram em rock de estádio, ou anunciam que não são mais/não foram nunca ‘punk’, enquanto as bandas explicitamente anarquistas do punk rejeitam ambos os jugos simultaneamente no processo de se venderem.

A inserção descaradamente *mainstream* dos Sex Pistols foi altamente eficaz como uma propaganda incipiente de subversão, o número de bandas e iniciativas subsequentes que eles inspiraram é inegável, por mais vazias que se revelaram suas invocações de “anarquia”. A recuperação pelo *mainstream* tenta retirar “a poderosa mensagem do punk, ou do anarquismo, protesto, hip-hop e afins, para vende-las novamente às pessoas, esvaziada de seu significado original” (Jeppesen, 2011, p. 29), mas essa recuperação nunca é total. Além disso, a venda por parte de bandas punk antes vinculadas às práticas de faça-você-mesmo serve a um duplo propósito: uma oportunidade de destacar as diferenças essenciais entre esse tipo de produção/consumo e o comercial, condenando e ostracizando os “vendedores” infratores; mas também funcionando como uma

significativa campanha de recrutamento de volta para a contracultura, quando novos fãs descobrem as cenas *underground* das quais essas bandas *mainstream* emergiram.

Algo semelhante ocorre com a, deliberada, marginalidade do anarquismo punk. Duncombe, AK Thompson e todos os outros rejeitam o punk por não ter derrubado o sistema, mas esse é um requisito que poucos outros anarquistas também conseguiram atingir, e quaisquer sucessos históricos foram, infelizmente, fugazes. No entanto, a relação do punk com o anarquismo tem se mostrado notavelmente duradoura e continua a alimentar a evolução do anarquismo ao: expor as pessoas às ideias anarquistas por meio de letras e imagens; demonstrar um exemplo vivido de produção/consumo/distribuição “faça-você-mesmo” ou “faça-juntos”; e fornece uma base cultural para o movimento anarquista, embora, de forma alguma, se trate de uma hegemonia cultural exclusiva. Seu sucesso depende precisamente de sua marginalidade, como um recurso *underground* que apoia as investidas anarquistas no *mainstream*. Assim, longe de fornecer motivos para condenar o anarquismo punk, a marginalidade é uma característica essencial: criando espaço para reinterpretação político-cultural e mantendo uma distância crítica em relação ao *mainstream*. Mas essa separação nunca é total, como poderia ser? E, de fato, o *locus* marginal do punk é nutrido por suas tensões não resolvidas com o *mainstream*.

Sob essa ótica, as ações dos *Sex Pistols* tornam-se inseparáveis do “autêntico” anarquismo punk faça-você-mesmo. Como um iconoclasta contrário, talvez eu precise escrever sobre os Sex Pistols, ícones como eles precisam aparecer como uma manifestação das tensões entre o estereótipo *mainstream* e as margens persistentes, embora cifradas, do anarquismo punk. *Mas ainda não estou comprando a camiseta da turnê de reunião.*

Referências

- AMAR, Nathanel. "Anarchy in the PRC": Anarchist practices and references in the Chinese punk movement". In: DONAGHEY, Jim; BOISSEAU, Will; KALTEFLEITER, Caroline (eds.). *Smash the System! Punk Anarchism as a Culture of Resistance*. Karlovac: Active Distribution, 2022. p. 407-433.
- ANARCHY. *Crass*. Anarchy, v. 34, p. 4-5, 1982a.
- ANARCHY. *Strength Through @!* Anarchy, v. 34, p. 10-11, 1982b.
- ANTONIA, Nina. *Too Much, Too Soon: The Makeup & Breakup of The New York Dolls*. London: Omnibus Press, 1998.
- BAD RELIGION; CHOMSKY, Noam. *New World Order: War #1*. MaximumRockNRoll, 1991.
- BARRETT, Dawson. "DIY Democracy: The direct action politics of U.S. punk collectives". *American Studies*, v. 52, n. 2, p. 23-42, 2013.
- BERTOLO, Amedeo; ENCKELL, Marianne. "La veridique histoire du A cerle". *Bulletin du CIRA*, v. 58, p. 12-13, 2002. [Tradução inglesa: "Circled A: The true story of the circled A". Centro studi libertari – Archivio G. Pinelli. Disponível em: <https://archiviopinelli.it/en/circledA>].
- BESTLEY, Russ et al. *The Punk Reader: research transmissions from the local and the global*. Bristol: Intellect, 2019.
- BESTLEY, Russ et al. *Trans-Global Punk Scenes: The Punk Reader Vol. 2*. Bristol: Intellect, 2021a.
- BESTLEY, Russ et al. *Punk Identities, Punk Utopias: Global Punk and Media*. Bristol: Intellect, 2021b.
- BESWICK, Spencer. "Smashing whiteness: race, class, and punk culture in the Love and Rage Revolutionary Anarchist Federation (North America, 1989-1998)". In: DONAGHEY, Jim; BOISSEAU, Will; KALTEFLEITER, Caroline (eds.). *DIY or Die! Do-it-yourself, do-it-together & punk anarchism*. Karlovac: Active Distribution, 2024. p. 333-358.
- BIDGE, Dickhead. *Bakunin Brand Vodka: Anarchism in early punk 1976-1980*. Karlovac, Croatia: Active Distribution, 2019.
- BITTENCOURT, João Batista de M; VIEIRA, Tiago de Jesus. "The meanings of anarchism in Brazilian punk: A socio-historical approach". In: DONAGHEY, Jim; BOISSEAU, Will; KALTEFLEITER, Caroline (eds.). *Smash the System! Punk Anarchism as a Culture of Resistance*. Karlovac: Active Distribution, 2022. p. 91-106.
- BONE, Ian. *Bash the Rich: True-Life Confessions of an Anarchist in the UK*. Bath: Tangent Books, 2006.
- BROWN, Nathan. "Crass: Feeding of the 5000, Stations of the Crass, Best Before 1984 reissues – album reviews". *Louder Than War*, 5 maio 2019. Disponível em: <https://louderthanwar.com/crass-feeding-of-the-5000-stations-of-the-crass-best-before-1984-reissues-album-reviews/>.
- CALANDRA, Mariana Gabriela. "Anarchist punk and post-left anarchism in Argentina, Chile and Uruguay (1983-1993)". In: DONAGHEY, Jim; BOISSEAU, Will; KALTEFLEITER, Caroline (eds.). *Smash the System! Punk Anarchism as a Culture of Resistance*. Karlovac: Active Distribution, 2022. p. 107-140.
- CATTANEO, Claudio; TUDELA, Enrique. "¡El Carrer Es Nostre! The Autonomous Movement in Barcelona, 1980-2012". In: VAN DER STEEN, Bart; KATZEFF, Ask; VAN HOOGENHUIJZE, Leendert (eds.). *The City Is Ours: Squatting and autonomous movements in Europe from the 1970s to the present*. Oakland: PM Press, 2014. p. 95-130.

- CHIAROMONTE, Nicola. "Pierre-Joseph Proudhon: an uncomfortable thinker". *Politics*, jan. 1946. Disponível em: <https://libcom.org/article/pierre-joseph-proudhon-uncomfortable-thinker-nicola-chiaromonte>.
- COGAN, Brian. "Do They Owe Us a Living? Of Course They Do!" Crass, Throbbing Gristle, and Anarchy and Radicalism in Early English Punk Rock". *Journal for the Study of Radicalism*, v. 1, n. 2, p. 77-90, 2007.
- COHN, Jesse. *Underground Passages: Anarchist Resistance Culture 1948-2011*. Oakland, CA: AK Press, 2014.
- COOK, Paul. Entrevista com Steve Lamacq. *BBC Radio 6 Music*, 10 jun. 2024.
- COON, Caroline. *Parade Of The Punks*. Melody Maker, 2 out. 1976. Disponível em: [http://blackmarketclash.co.uk/Pages/Gigs/The%20Clash/1976-The-Clash-Live/1976-gigs/76-09-20%20The%20100%20Club%20\(Sep\)/assets/pages/Punks%20on%20Parade.html](http://blackmarketclash.co.uk/Pages/Gigs/The%20Clash/1976-The-Clash-Live/1976-gigs/76-09-20%20The%20100%20Club%20(Sep)/assets/pages/Punks%20on%20Parade.html).
- CRASS. *The Feeding of the 5000*. Small Wonder Records, 1979. [Posteriormente Crass Records, 1980].
- CRASS. "Punk is Dead". *Stations of the Crass*. Crass Records, 1979.
- CRIMETHINC. Ex-Workers' Collective. *Days of War, Nights of Love: Crimethink for Beginners*. Salem, OR: CrimethInc. Free Press, 2001.
- CRIMETHINC. Ex-Workers' Collective. *Work*. Salem, OR: CrimethInc., 2011.
- CROSS, Rich. "Autonomy in the capital: the short life and sudden death of an anarchist punk centre in London, UK". In: DONAGHEY, Jim; BOISSEAU, Will; KALTEFLEITER, Caroline (eds.). *DIY or Die! Do-it-yourself, do-it-together & punk anarchism*. Karlovac: Active Distribution, 2024. p. 1-44.
- D'ERRICO, Giulio. "From punk to squat: the (re)birth of Social Centres and the role of anarcho-punk in 1980s Italy". In: DONAGHEY, Jim; BOISSEAU, Will; KALTEFLEITER, Caroline (eds.). *DIY or Die! Do-it-yourself, do-it-together & punk anarchism*. Karlovac: Active Distribution, 2024. p. 45-68.
- DALE, Pete R.W. *Anyone Can Do It: Traditions of Punk and the Politics of Empowerment*. Tese de doutorado, Newcastle-upon-Tyne: Newcastle University, 2011.
- DANIEL, Ondřej. "State liberation or state abolition? Czech punk between anti-Communism and anarchism". In: DONAGHEY, Jim; BOISSEAU, Will; KALTEFLEITER, Caroline (eds.). *Smash the System! Punk Anarchism as a Culture of Resistance*. Karlovac: Active Distribution, 2022. p. 189-210.
- TOLLENAERE, Herman de. "Sex Pistols, other punk and anarchism". 2022. Não publicado.
- DEL SOLAR, Felipe; PÉREZ, Andrés. *Anarquistas: presencia libertaria en Chile*. Santiago: RIL editors, 2008.
- DISCOS. *Tian An Men 89 records*. Disponível em: <https://www.discogs.com/label/75697-Tian-An-Men-89?page=1>.
- DONAGHEY, Jim. "Bakunin brand vodka: An exploration into anarchist-punk and punk-anarchism". *Anarchist Developments in Cultural Studies*, v. 1, p. 138-170, 2013. Disponível em: <https://journals.uvic.ca/index.php/adcs/article/download/17142/7357>.
- DONAGHEY, Jim. *Punk and Anarchism: UK, Poland, Indonesia*. Tese de doutorado, Loughborough: Loughborough University, 2016.
- DONAGHEY, Jim. "The 'punk anarchisms' of Class War and CrimethInc.", *Journal of Political Ideologies*, v. 25, n. 2, p. 113-138, 2020.
- DONAGHEY, Jim; PRASETYO, Frans Ari. *Punk space in Bandung, Indonesia: Evasion and confrontation*. In: BESTLEY, Russ; DINES, Mike; GORDON, Alastair; GUERRA, Paula

- (orgs.). *Trans-Global Punk Scenes: The Punk Reader Volume 2*. Bristol: Intellect, 2021. p. 137-161.
- DONAGHEY, Jim; BOISSEAU, Will; KALTEFLEITER, Caroline (orgs.). *Smash the System! Punk Anarchism as a Culture of Resistance*. Karlovac: Active Distribution, 2022.
- DONAGHEY, Jim; BOISSEAU, Will; KALTEFLEITER, Caroline (orgs.). *DIY or Die! Do-it-yourself, do-it-together & punk anarchism*. Karlovac: Active Distribution, 2024a.
- DONAGHEY, Jim; BOISSEAU, Will; KALTEFLEITER, Caroline (orgs.). *If I Had A Hammer ... the radical potential of do-it-yourself (beyond punk)*. In: DONAGHEY, Jim; BOISSEAU, Will; KALTEFLEITER, Caroline (orgs.). *DIY or Die! Do-it-yourself, do-it-together & punk anarchism*. Karlovac: Active Distribution, 2024b. p. xli-lxx.
- DUNCOMBE, Stephen. *Notes from Underground: Zines and the Politics of Alternative Culture*. Portland, OR: Microcosm Publishing, 1997.
- DRAPER, Hal. *A note on the father of anarchism*. *New Politics*, v. 8, n. 1, 1969. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/draper/1969/father-anarchism.htm>. Acesso em: 27 jan. 2025.
- DUNN, Kevin. *Global Punk: Resistance and Rebellion in Everyday Life*. New York: Bloomsbury USA, 2016.
- DUNN, Kevin C. *Punk in South Africa: Race, class, colonialism and capitalism*. In: DONAGHEY, Jim; BOISSEAU, Will; KALTEFLEITER, Caroline (orgs.). *Smash the System! Punk Anarchism as a Culture of Resistance*. Karlovac: Active Distribution, 2022. p. 1-30.
- DUPUIS-DÉRI, Francis. *How to Occult Misogyny and Antifeminism in the History of Political Ideas: The Case of Pierre-Joseph Proudhon*. *Anarchist Studies*, v. 32, n. 1, p. 70-91, 2024.
- ESTRELITA, Gloria Truly; DONAGHEY, Jim; ANDRIEU, Sarah; FACAL, Gabriel. *A Brief History of Anarchism in Indonesia*. *AnarchistStudies.Blog*, 19 dez. 2022. Disponível em: <https://anarchiststudies.noblogs.org/article-a-brief-history-of-anarchism-in-indonesia/>. Acesso em: 27 jan. 2025.
- FINE, Dakota (dir.). *Noam Chomsky on Celebrity and Punk Rock* [Jeff Jetton interviews Noam Chomsky for BrightestYoungThings.com]. YouTube, 8 mar. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ujsMGiMRynI>. Acesso em: 27 jan. 2025.
- FORMAN, Erik. *Revolt in Fast Food Nation: The Wobblies Take on Jimmy John's*. In: NESS, Immanuel (org.). *New Forms of Worker Organization: The Syndicalist and Autonomist Restoration of Class-Struggle Unionism*. Oakland, CA: PM Press, 2014. p. 205-232.
- FREEDMIND. *Untitled comment in response to 'Pierre-Joseph Proudhon: an uncomfortable thinker - Nicola Chiaromonte'*. *libcom.org*, 2017, jun. Disponível em: <https://libcom.org/article/pierre-joseph-proudhon-uncomfortable-thinker-nicola-chiaromonte>. Acesso em: 27 jan. 2025.
- GÜLDALLI, Tolga. *Being punk in Turkey*. In: BOYNIK, Sezgin; GÜLDALLI, Tolga (orgs.). *Türkiye'de punk ve yeraltı kaynaklarının kesintili tarihi 1978-1999* [An interrupted history of punk and underground resources in Turkey 1978-1999]. Istanbul: BAS, 2007. Disponível em: <http://www.turkiyedepunkveyeraltikaynaklarininkesintilitarihi.com/tolga-guldalli-being-punk-in-turkey.php>.
- HEATH, Nick. *The UK anarchist movement – Looking back and forward*. *libcom.org*, 15 nov. 2006. Disponível em: <http://libcom.org/library/the-uk-anarchist-movement-looking-back-and-forward>. Acesso em: 27 jan. 2025.
- HIRSCH, Carolin. *The Gendered Rebel: Challenging Gendered Norms through Punk in Urban Yangon*. *Journal of Burma Studies*, v. 27, n. 1, p. 139-169, 2023.

- HOLTZMAN, Ben; HUGHES, Craig; VAN METER, Kevin. *Do it Yourself ... and the Movement Beyond Capitalism*. In: BIDDLE, Erika; SHUKAITIS, Stevphen; GRAEBER, David (orgs.). *Constituent Imagination: Militant Investigations//Collective Theorization*. Edinburgh: AK Press, 2007. p. 44-61.
- HOME, Stewart. *Cranked Up Really High: Genre Theory and Punk Rock, an Inside Account of Punk Rock*. Hove: CodeX, 1995. Disponível em: <https://www.stewarthomesociety.org/cranked/jive.htm>. Acesso em: 27 jan. 2025.
- IBÁÑEZ, Tomás. *The circled A at 60: Birth of a symbol*. *Freedom News*, 5 abr. 2024. Disponível em: <https://freedomnews.org.uk/2024/04/05/the-circled-a-at-60-birth-of-a-symbol/>. Acesso em: 27 jan. 2025.
- INTERNATIONAL TIMES. *Issue 6*. Fevereiro 1977. Disponível em: http://www.internationaltimes.it/archive/index.php?year=1977&volume=IT-Volume-Q&issue=6&item=IT_1977-02-01_G-IT-Volume-Q_Iss-6_001.
- JEPPESEN, Sandra. *The DIY Post-Punk, Post-Situationist Politics of CrimethInc. Anarchist Studies*, v. 19, n. 1, p. 139-143, 2011.
- JEPPESEN, Sandra. *DIY*. In: FRANKS, Benjamin; JUN, Nathan; WILLIAMS, Leonard (orgs.). *Anarchism: A Conceptual Approach*. London: Routledge, 2018. p. 203-218.
- KINNA, Ruth. *Introduction*. In: KINNA, Ruth (org.). *The Continuum Companion to Anarchism*. London: Continuum International Publishing Group, 2012. p. 3-38.
- KOLOVOS, Yannis N. *"We spread the black flag around us": The punk scene and the anarchist movement in Athens (late 1970s-2010)*. In: DONAGHEY, Jim; BOISSEAU, Will; KALTEFLEITER, Caroline (orgs.). *Smash the System! Punk Anarchism as a Culture of Resistance*. Karlovac: Active Distribution, 2022. p. 261-290.
- LEWIS, Isobel. *Sex Pistols' John Lydon says voters are done with "intellectual left-wing ideas" as he defends Trump*. *Independent*, 4 nov. 2020. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/music/news/john-lydon-trump-sex-pistols-gmb-b1586651.html>. Acesso em: 27 jan. 2025.
- LION, Veronica. *When Anarcha-queer-feminism Meets Grrrl Culture – Riot Grrrl as an Example for Anarcha-queer-feminist Practices* [online]. 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/28999477/When_anarcha-queer-feminism_meets_grrrl_culture_Riot_Grrrl_as_an_example_for_anarcha-queer-feminist_practices.
- LIPROT, Michelle. *"Different people with different values but the same overall goals": Divisions and Unities within the Contemporary British DIY Punk Subcultural Movement*. *Punk & Post-Punk*, v. 2, n. 3, p. 213-229, 2013.
- LLOYD-SMITH, Harriet. *Vivienne Westwood's son and granddaughter on anarchy, activism and the "best thing she ever did"* [entrevista com Joseph e Cora Corré]. *Plaster*, 21 jun. 2024. Disponível em: <https://plastermagazine.com/articles/vivienne-westwood-art-anarchy-activism/>. Acesso em: 27 jan. 2025.
- MARSH, Dave. *Looney Tunes* [coluna regular]. *Creem*, mai. 1971. Disponível em: <https://archive.creem.com/article/1971/05/01/looney-toons>. Acesso em: 27 jan. 2025.
- MARTIN-IVERSION, Sean. *Anak Punk and Kaum Pekerja: Indonesian Punk and Class Recomposition in Urban Indonesia*. Conferência apresentada em *Encountering Urban Diversity in Asias: Class and Other Intersections*, 15-16 mai. 2014, National University of Singapore. Disponível em: http://www.academia.edu/7631557/Anak_punk_and_kaum_pekerja_Indonesian_Punk_and_Class_Recomposition_in_Urban_Indonesia. Acesso em: 27 jan. 2025.

- MONTES DE OCA, Rodolfo. *Kubazuela: Remembering a Caribbean anarchist punk connection between Cuba and Venezuela ("with rum but without Coca-Cola")*. In: DONAGHEY, Jim; BOISSEAU, Will; KALTEFLEITER, Caroline (orgs.). *Smash the System! Punk Anarchism as a Culture of Resistance*. Karlovac: Active Distribution, 2022. p. 31-70.
- NAWROCKI, Norman. *From Rhythm Activism to Bakunin's Bum: Reflections of an unrepentant anarchist violinist on "anarchist music"*. In: O'GUÉRIN, Daniel (org.). *Arena Three: Anarchism in Music*. Hastings: ChristieBooks, 2012. p. 60-70.
- NOYS, Ruud. *What is Anarchist Music?* Ballygomorrhah: Black Fox Books; Karlovac: Active Distribution, 2019.
- O'GUÉRIN, Daniel (Back2front zine). *What's in (A) song? An introduction to libertarian music*. In: O'GUÉRIN, Daniel (org.). *Arena Three: Anarchism in Music*. Hastings: ChristieBooks, 2012. p. 3-22.
- OSTERGAARD, Geoffrey. *The Relevance of Syndicalism*. *Anarchy*, jun. 1963, n. 28.
- PARTICIPANTS IN THE CRIMETHINC. EX-WORKERS' COLLECTIVE. *Foreword: Punk – dangerous utopia*. In: DONAGHEY, Jim; BOISSEAU, Will; KALTEFLEITER, Caroline (orgs.). *Smash the System! Punk Anarchism as a Culture of Resistance*. Karlovac: Active Distribution, 2022. p. i-xx.
- PIOTROWSKI, Grzegorz. *Punk against communism: The Jarocin rock festival and revolting youth in 1980s Poland*. In: ANDRESEN, Knud; VAN DER STEEN, Bart (orgs.). *A European Youth Revolt: European Perspectives on Youth Protest and Social Movements in the 1980s*. London: Palgrave Macmillan UK, 2016. p. 203-216.
- PORTON, Richard. *Introduction*. In: PORTON, Richard (org.). *Arena One: On Anarchist Cinema*. Hastings: ChristieBooks; Oakland, CA: PM Press, 2009.
- PRASETYO, Frans Ari. *Anarchy and Police Brutality – May Day 2019 in Bandung, Indonesia* (ensaio fotográfico). *AnarchistStudies.Blog*, 14 set. 2020. Disponível em: <https://anarchiststudies.noblogs.org/article-anarchy-and-police-brutality-may-day-2019-in-bandung-indonesia-photo-essay/>. Acesso em: 27 jan. 2025.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. *What is Property? An Inquiry into the Principle of Right and of Government* (trad. Benjamin R. Tucker). *The Anarchist Library Version*, 1840. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/pierre-joseph-proudhon-what-is-property-an-inquiry-into-the-principle-of-right-and-of-governmen>. Acesso em: 27 jan. 2025.
- RAMONES. *Ramones*. Sire, 1976.
- RIMBAUD, Penny. *Shibboleth: My Revolting Life*. Edinburgh: AK Press, 1998.
- SABIN, Roger. *Interview with Stephen Duncombe and Maxwell Tremblay, editors of White Riot: Punk Rock and Politics of Race*. *Punk and Post-Punk*, v. 1, n. 1, p. 105-110, 2012.
- PRIETO SERRANO, David; ÁLVAREZ GARCÍA, David; BETANCOR NUEZ, Gomer. *First there was Amparo, then it was Ronda Atocha ... What will be next? Anarchism, punk and squatted Social Centers in Madrid, Spain*. In: DONAGHEY, Jim; BOISSEAU, Will; KALTEFLEITER, Caroline (orgs.). *DIY or Die! Do-it-yourself, do-it-together & punk anarchism*. Karlovac: Active Distribution, 2024. p. 151-180.
- SEX PISTOLS. *Anarchy in the U.K.* (apresentação ao vivo na TV). *So It Goes*. Londres: Granada Television, 28 ago. 1976.
- SEX PISTOLS. *Anarchy in the U.K.* EMI, 1976.
- SEX PISTOLS. *God Save the Queen*. A&M [distribuído pela CBS], 1977.
- SEX PISTOLS. *Never Mind the Bollocks, Here's the Sex Pistols*. Virgin, 1977.
- SEX PISTOLS. *Never Mind the Bollocks, Here's the Sex Pistols*. Universal, 2012.
- SMITH, Evan; WORLEY, Matthew. *Against the Grain. The British far left from 1956*. Manchester: Manchester University Press, 2014.

- TAYLOR, Tom. *John Lydon calls Donald Trump “the Sex Pistols of politics”*. *Far Out*, 11 ago. 2023. Disponível em: <https://faroutmagazine.co.uk/john-lydon-calls-donald-trump-the-sex-pistols-of-politics/>. Acesso em: 27 jan. 2025.
- DAMNED. *New Rose*. Stiff Records, 1976.
- THOMPSON, A.K. *Black Bloc White Riot. Anti-Globalization and the Genealogy of Dissent*. Oakland, CA: AK Press, 2010.
- TURNER, Scott M. X. *Maximising Rock and Roll: An Interview with Tim Yohannon [sic]*. In: SAKOLSKY, Ron; HO, Fred Wei-Han (orgs.). *Sounding Off! Music as Subversion/Resistance/Revolution*. New York: Autonomedia, 1995. p. 180-194.
- VANEIGEM, Raoul. *The Revolution of Everyday Life*. The Anarchist Library version, 1963-1965. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/raoul-vaneigem-the-revolution-of-everyday-life.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2025.
- WESTWOOD, Ben. *Worlds End: Anarchy Shirts 2013*. VivienneWestwood.com, 20 nov. 2013. Disponível em: <https://www.viviennewestwood.com/en-gb/westwood-world/worlds-end/anarchy-shirts-2013/#page-body>. Acesso em: 27 jan. 2025.
- WOODCOCK, George. *Anarchism: A History of Libertarian Ideas and Movements*. Harmondsworth: Penguin Books, 1986.
- WOODS, Maxwell. *The (anti-)neoliberalism of Chilean punk anarchism*. In: DONAGHEY, Jim; BOISSEAU, Will; KALTEFLEITER, Caroline (orgs.). *Smash the System! Punk Anarchism as a Culture of Resistance*. Karlovac: Active Distribution, 2022. p. 141-170.
- WORLEY, Matthew. *No Future. Punk, Politics and British Youth Culture 1976-1984*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.